

Migração na metrópole: o caso dos angolanos em São Paulo

Dulce Maria Tourinho Baptista

Resumo

A reflexão aqui desenvolvida retrata o movimento migratório de angolanos para São Paulo, os espaços que ocupam na metrópole e como se dá a sua integração nessa cidade global. Enfoca o contexto e as razões da imigração, evidencia de que forma os angolanos se inserem na grande metrópole, as questões relacionadas à segregação e ao preconceito nos espaços que ocupam e como se relacionam com o país de origem. Que experiências de vida trazem de Angola e, quando inseridos no contexto de uma cidade diversa como São Paulo, que projeto de vida constroem. Enfim, o estudo reflete acerca da migração e de como os angolanos enfrentam os desafios de sobrevivência no seu cotidiano na grande metrópole.

Palavras-chave: migração; metrópole; refugiado; segregação; conflito; etnia; cultura.

Abstract

The reflection developed here portrays the migratory movement of Angolans to São Paulo, the spaces they occupy in the Metropolis, and how their integration into this global city occurs. The analysis focuses on the context and the reasons of immigration, Angolans' insertion into the Metropolis, questions related to segregation and prejudice in the spaces they occupy, and their relationship to their native country. In addition, the study analyzes the life experiences they bring from Angola and, when inserted in the context of a diverse city as São Paulo, what life projects they construct. Finally, it reflects upon migration and how the Angolans face the survival challenges in their daily routine in the Metropolis.

Keywords: migration; metropolis; refugee; segregation; conflict; ethnicity; culture.

Introdução

São Paulo, cidade global, é local para onde imigram várias etnias estrangeiras como coreanos, italianos, japoneses, chineses, latino-americanos, caracterizando uma metrópole de alteridade e uma diversidade de territórios estrangeiros (Veras, 2003).

O presente artigo analisa essa problemática, já que a cidade continua a receber significativo número de imigrantes estrangeiros, com expressividade de refugiados, devido aos conflitos existentes nos seus países de origem. Considera-se, neste estudo de caso, os africanos de Angola, país que passou por muitas sublevações na década de 1990.

Reflete-se sobre a sua territorialidade, seus espaços de sociabilidade, trabalho e lazer no contexto do país de destino: no caso a cidade de São Paulo.

Nos seus deslocamentos, os imigrantes angolanos trazem consigo a sua história de guerras, o seu modos de vida, a sua religiosidade, a sua cultura, a sua identidade, continuando a construir com o Brasil uma história de laços de integração desencadeados desde o período colonial.

Os angolanos em São Paulo

Foram muitos os fluxos migratórios de angolanos para o Brasil. José Teixeira Lopes Ribeiro (1995) caracteriza a migração internacional Brasil-África de angolanos para o Brasil, em três momentos: o da migração compulsória na época da escravidão e tráfico de escravos (1531-1810); o do processo migratório das décadas de 1957 a 1970, marcada pelo início

do processo de independência das colônias portuguesas na África e pelo reinício do conflito armado em Angola; e o último, a partir de meados de 1980, que assume o caráter de refugiados, decorrente também dos conflitos desencadeados em Angola.

Ribeiro (*ibid.*, p. 131) caracteriza os imigrantes angolanos dos últimos anos com um perfil diferenciado, assim retratado:

Têm assumido o caráter de refugiados, sendo, majoritariamente jovens, dos quais grande parte é estudante de nível superior. Solteiros em sua maioria, pertencem a classes favorecidas em Angola e têm, em geral planos para retardar o retorno ao país de origem. São assim pessoas com alto potencial profissional e em idade de maior risco reprodutivo. A escolha do Brasil como país de destino provavelmente tem a ver com as facilidades existentes de migração, como o fator língua, clima e cultura.

O Brasil é um país que até alguns anos atrás era essencialmente só receptor de imigrantes, atraindo grandes fluxos populacionais de diversas etnias. Os angolanos misturam-se a muitos estrangeiros no país de destino. São Paulo é uma das cidades brasileiras que mais atrai populações de diferentes etnias. É uma cidade global, que adquire características de muitos lugares. As marcas de outros povos, diferentes culturas, distintos modos de ser se concentram e convivem no mesmo lugar, como síntese de todo o mundo. A cidade passa a ter uma diversidade de padrões e valores culturais, línguas e dialetos, religiões e seitas, modos de vestir e alimentar, etnias e raças,

problemas e dilemas, ideologias e utopias (Ianni, 1999).

Foi para São Paulo que vieram muitos imigrantes. Conforme estudos de Bógus e Pasternak (2004, p. 5) o perfil de imigrantes mudou na última década, pois a

[...] imigração internacional teve aumento da participação de coreanos, chineses, angolanos e bolivianos que residem principalmente na área central da cidade.

O censo do IBGE (1991) evidencia que 8,5% dos chefes migrantes na cidade de São Paulo nasceram no estrangeiro, diminuindo para 5,9% no censo de 2000. Percebe-se a significativa presença recente de estrangeiros, não só de origem africana, mas também latino-americana no centro da cidade, enquanto que os migrantes internos ocupam a periferia. Entre os imigrantes africanos nascidos na África, 51% vêm do Egito e 18% de Angola. O aumento da imigração de angolanos apresenta tendência contrária ao número total de imigrantes: dobra na última década, pois, no censo de 1991, representavam 9,49% dos africanos e em 2000, 18%.

Os angolanos que imigraram para o Brasil nas últimas décadas, na condição de refugiados, justificam a sua vinda devido à instabilidade política de seu país. Trouxeram consigo seu modos de vida, sua cultura e identidade. Em São Paulo, percorrem trajetórias e perseguem objetivos diferentes. A forma como sentem, sofrem ou vivem a cidade retrata histórias de vida diversificadas e complexas, envolvendo o lá e o aqui.

Constata-se que os africanos angolanos na cidade de São Paulo, em sua maioria, são do sexo masculino, vivem em habitações precárias no centro da cidade e trabalham, quando conseguem, em pequenos serviços, sem vínculo empregatício e/ou em serviços de baixa qualificação.

O presente estudo apreende parte da realidade desses grupos de angolanos na metrópole. O seu eixo está em refletir como, em uma cidade global como São Paulo, as diferentes etnias constroem os seus territórios identitários e diferenciados. Os angolanos contactados evidenciaram os seus modos de vida na cidade, o espaço da cidade que ocupam, a escola que freqüentam, o pedaço em que se sociabilizam, os serviços que utilizam, o trabalho em que se inserem, mostrando especificidades próprias.

Evidencia-se no estudo realizado que o global separa; é no local que se constata as redes de sociabilidade e a união entre os iguais.

Os angolanos que buscam obter o *status* de refugiado são em sua maioria estudantes que primeiramente pensam em viver temporariamente em São Paulo, apesar de serem abordados muitos angolanos que buscam construir sua vida na cidade.

Apesar de findada a guerra civil, nem todos vislumbram a possibilidade de viver em paz no país de origem e, ainda deixam Angola buscando proteger suas vidas. Os que buscam ser aceitos no Brasil com o *status* de refugiado enfrentam dificuldades; têm como principal barreira a questão do emprego. Nenhum dos angolanos pesquisados que pleiteia refúgio havia conseguido emprego formal ou informal.

Um deles atribui tal situação ao preconceito racial que existe por parte dos brasileiros em relação aos imigrantes e africanos em geral e, chegam a apontar que pessoas imigrantes provenientes de países latino-americanos e/ou de pele clara conseguem emprego mais facilmente que uma pessoa oriunda do continente africano, conforme relata um angolano entrevistado:

(...) peruanos e/ou pessoas da América Latina conseguem emprego, africano não! Brasileiro é racista! Tem africano aqui há oito anos sem trabalho.(...) Os brasileiros não gostam dos africanos, não sentam ao seu lado no ônibus, acham que africanos são macacos.¹

Está explicitado o sentimento de rejeição sofrido pelos angolanos. Percebe-se que eles chegaram a São Paulo fugindo de situações de guerra em que suas vidas são colocadas em risco; já nasceram num contexto conflituoso e de privação, por isso, em sua maioria, têm baixa escolaridade, não estudaram além do ensino fundamental, o que também dificulta a busca e a aquisição de um bom emprego. Diante do frágil acesso ao trabalho, passam a depender de apoio diverso, de terceiros, que os leva a restringir a sua vida na metrópole. Comparam as suas vidas em São Paulo com a de Angola. Relacionam-se, na maior parte, com pessoas provenientes do continente africano, não necessariamente de Angola, construindo com elas redes de amizade e solidariedade que lhes dão força para enfrentar o cotidiano na metrópole. A sociabilidade com brasileiros restringe-se mais ao contato com assistentes sociais ou professores. Sentem-se segregados,

apesar de viverem em uma cidade global de muitas etnias. São Paulo abriga tantas “oportunidades”, entretanto, dizem delas pouco participar.

Evidenciam-se em São Paulo aspectos contraditórios e segregacionistas: é uma cidade multicultural que tem nas suas ruas transitando pessoas de várias etnias, raças e classes sociais; no entanto, nos locais onde circulam as oportunidades e o poder, estão os brancos, ricos e originários do primeiro mundo, reproduzindo as relações de exclusão social, perpetuadas na sociedade do capitalismo global. Assim sendo, os angolanos evidenciam na sua fala não terem muita perspectiva de que um dia participarão ou de que se sentirão fazendo parte desta grande cidade.

Assim a vêem:

É uma cidade bem movimentada, afinal de contas, São Paulo é uma cidade industrial. Achei supermovimentada, afinal é o coração do Brasil. É uma cidade que não dorme, superdesenvolvida em relação à minha cidade, não tem como comparar. E achei que estando aqui, mais oportunidades eu haveria de ter, no entanto as dificuldades são muitas...

Os governos brasileiro e angolano têm firmado diversos acordos de Cooperação Cultural e Científica, concernentes à educação, com convênios entre universidades angolanas e brasileiras incentivando a vinda de estudantes angolanos ao Brasil, para que estes possam buscar o conhecimento necessário em áreas de desenvolvimento em seu país, para então, ao retornarem, contribuírem com a melhoria de Angola. Como exemplo desta-

ca-se a presença de estudantes angolanos de Enfermagem da Universidade Agostinho Neto em Luanda – Angola. Tais estudantes contatados nesta pesquisa vieram com o propósito de fazer um estágio de fim de curso em São Paulo, para voltarem mais experientes a Angola e implementarem os novos conhecimentos em seu país.

Por declararem estar há pouco tempo e apenas de “passagem” por São Paulo, citam, em sua maioria, aspectos positivos que uma grande cidade como São Paulo abriga; um deles porém citou o racismo:

Outra coisa que notei é o racismo. É, vi povos negros, de raça mista que não são tratados de igual modo como são tratadas as pessoas de raça branca. Mesmo em grandes empresas ou nos hotéis onde eu passei, noto só população branca a trabalhar. Isso também é uma realidade no meu país, lá, apesar de sermos negros, uma população de quase 90% de negros, ainda não se respeitam muito as pessoas de cor negra. E é a mesma coisa que eu notei aqui.²

Outro estudante angolano do Curso de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que veio fazer o curso superior por intermédio do consulado, financiador dos seus estudos na universidade, diz:

Foi muito bom participar da PUC. Gostei muito, fui bem recebido pelos professores e colegas. Mas não consegui nem estágio, nem emprego. É muito difícil um negro africano conseguir entrar no mercado de trabalho aqui nessa cidade...

A vida dos angolanos em São Paulo torna-se a expressão da segregação, emaranhando-se com a de grande parte da sua população pobre, urbana, negra, que estuda com dificuldade, trabalha e vive no limiar da sobrevivência. Levam, assim, os angolanos nessa cidade uma vida difícil; trabalham árduo, utilizam o transporte público e a sua sociabilidade está restrita, ou ao meio acadêmico, quando acompanhados de professores e colegas, e/ou outros angolanos. Esses são os amigos com que se relacionam.

É importante ressaltar que entre os angolanos que deixam Angola e buscam nova vida em São Paulo existem poucos que, além de sobreviver nesta grande cidade, conseguem também alcançar posição de destaque. Esses já vêm de Angola com alta escolaridade e buscam em São Paulo, essencialmente, melhores oportunidades.

Entre os angolanos entrevistados está um empresário bem-sucedido que explica por que optou por São Paulo: “São Paulo é a cidade que é a principal fonte de renda do país e por isso decidi tentar a vida nessa cidade”.

Esse é um caso em que, apesar de o angolano ter enfrentado preconceito pelo fato de ser imigrante e pertencente à raça negra, conseguiu se integrar, sobressair e fazer de São Paulo a sua cidade. Hoje volta a Angola apenas para visitar os amigos e parentes.

Um outro aspecto que diz respeito à vida dos imigrantes angolanos em São Paulo refere-se a compreender os processos intrínsecos da sua inserção na realidade brasileira e no cotidiano da cidade. Constata-se que o Brasil é um país onde há uma falsa democracia racial, ou seja, apesar do discurso ser de igualdade,

os negros são alvos de discriminações e preconceitos. Um grande contingente de estudantes africanos que vêm para o Brasil e que se fixam na cidade de São Paulo, inserem-se nos cursos de graduação e pós-graduação das universidades desse estado. Os estereótipos e imagens negativas existentes com relação à África refletem no modo como esses angolanos são tratados na academia, mostrando o racismo sofrido por serem negros e africanos, remetendo a problemática do que é ser negro no Brasil. O racismo pronuncia-se, independentemente de serem negros estrangeiros ou brasileiros e, certamente, acentua-se mais quando associado à classe social.

Vivenciam, assim, momentos difíceis de preconceito e enfrentam dificuldades para sobreviver. No seu cotidiano, as dificuldades são muitas. Petrus (2000) analisa as vivenciadas no momento de alugar uma casa, nas averiguações policiais, ocasiões em que se manifestam dificuldades na sua inserção na comunidade.

Essa dificuldade enfrentada na cidade foi também constatada nas entrevistas. Assim pronuncia-se um angolano:

Graças a Deus, nunca passei aqui dificuldade assim de fome. A pior dificuldade que até agora não consigo engolir foi com respeito a policiais. Eles olham meio torto para nós, passam, às vezes mandam parar. Ai, são coisas que me deixam frustrado, sabe? Pouco aceito. No primeiro ano eu fui tratado muito mal, por uma policial. Tem outras vezes que eles me param e vêm que o documento é de refugiado e refugiado para muitos deles é saído da prisão. Ai eu mostro a carteirinha de

universitário, eles respeitam, mas não têm o respeito devido.

Já outra angolana retrata o preconceito sofrido:

Muitas vezes acontece, sim. Às vezes no shopping, em uma loja, as pessoas não se prontificam em vir atender, só depois de ouvir a sua pronúncia... não é como os outros clientes que elas bajulam... te julgam pela aparência, como se você não fosse comprar. Agora eu já me adaptei a essa situação e reverti a situação não dando importância, ignorando a atitude deles e me posicionando mais. Por exemplo, eu exijo mais, dou as caras... Assumo as coisas de forma a incutir na cabeça das pessoas a me aceitarem como eu sou, como pessoa, ser humano; apesar de alguns contratemplos, o povo brasileiro não deixa de ser um povo aconchegante.

Outra angolana diz de São Paulo os aspectos atrativos, as recompensas e dificuldades que enfrenta na cidade:

A cidade de São Paulo me ofereceu assim, uma visão... uma visão melhor com relação à união. Em São Paulo você vê várias raças... vários grupos étnicos... todos convivendo juntos. Mas São Paulo também me ensinou a ser cada vez mais negro. Mais de uma forma positiva porque São Paulo te ensina você a dar valor no que você é. Porque você vê a comunidade asiática, você vê a comunidade árabe, todos lutando pelo... pelas suas culturas... todos lutando pelo seu povo. Então São Paulo praticamente me

passou essa visão, São Paulo é vários povos... várias raças... todos lutando pela mesma cidade. Mesmo sendo diferente... a junção do diferente sempre dá uma coisa maravilhosa.

Nos momentos de lazer os angolanos se relacionam com os amigos. Frequentam lugares comuns como o relatado por um angolano:

Eu me relaciono com amigos, a maior parte do mesmo tempo eu convivo com brasileiros e africanos. Mas de início eu não conhecia nada... então, alguém conhecia um angolano, me apresentou e daí foi se dando a relação... tenho poucos amigos brasileiros e angolanos, mas são bons amigos.

Solicitados nas entrevistas se poderiam falar sobre a migração, a cultura, modos de vida, disseram:

Claro, optei pelo Brasil porque é um país de expressão portuguesa, tem os mesmos hábitos culturais e, em muitas coisas nos identificamos, por exemplo, simpatia, recepção... o Brasil é alegre e receptor o que também somos. Algumas crenças religiosas também são similares. Lá em Angola se chama kimbanda aqui é umbanda. Tem as coisas espirituais lá... alimentação não difere muito, por exemplo, na Bahia, eu nunca lá estive, mas dizem que são as mesmas comidas que se come em África, o dendê, o quiabo, o feijão, e aqui mesmo em São Paulo se come feijão, arroz, em África tem mandioca e pimenta, que lá se chama jindungo; óleo de dendê aqui

e lá é óleo de palma. Os ritmos, o batuque é o mesmo instrumento musical que se usa aqui, dança-se muito ao ritmo do batuque. O gingado é o mesmo; em Angola rebola-se, o mesmo que no Brasil, com o quadril.

Outro angolano disse:

Eu mantenho a identidade angolana porque já vim para cá adulta. Não é fácil esquecer os hábitos culturais. Normalmente eu uso as roupas típicas quando tem alguma festa e normalmente durante o ano todo há sempre um evento alusivo à África ou a Angola, onde eu tenho o prazer de recordar e viver como se estivesse lá, adotando o material que o Brasil tem. E também passo isso para as minhas filhas, que é a base, para que elas não se esqueçam das suas identidades, como por exemplo: passo para elas que adulto é adulto e tem que se respeitar... que os pais são os pais e tem que se respeitar. Há carinho e há limites, nem tanto na vontade e nem tanto repressivo... Que faz parte da nossa cultura o respeitar os adultos e o ser humano no seu todo.

Contextualização da imigração

A África é o berço da ancestralidade humana, terra sagrada de todos os deuses e orixás. Estava organizada em primitivos reinos agropastoris com avançado desenvolvimento das suas forças produtivas, caracterizando-se como

um amplo mosaico étnico, político, religioso e cultural. A partir do século XV, quando a cobiça mercantil europeia dirige-se ao Atlântico e defronta-se com uma população diversa, negra, a África passa a ser predestinada a servir como braço necessário no processo de colonização.

Para o Brasil, nessa época, vieram muitos angolanos como escravos, viabilizando lucros inesgotáveis aos colonizadores, não só com o modo de produção escravista colonial, como também com o tráfico negreiro.

A iniciativa inglesa de ocupação direta das terras africanas no século XIX despertou a cobiça de outras potências industriais europeias. Acontece a Conferência de Berlim (1844) como o marco oficial da partilha, ocasião em que foram traçadas fronteiras na África, inventado países, separando tribos irmãs, reunindo em um mesmo território tribos historicamente rivais e inimigas. Antes da partilha, a África possuía entre clãs, tribos e reinos, cerca de dez mil entidades políticas. Chegaram as potências europeias, inventaram países, desmobilizando toda uma cultura milenar. O pedaço da Angola passou a ser posse de Portugal, permanecendo um longo período como colônia portuguesa. Só em novembro de 1975 Angola tornou-se um Estado independente. Entretanto, a luta pela sua real independência continuou sendo realizada até meados de 2002, quando a guerra ainda devastava o seu território. O povo angolano tem uma história de dificuldades, não só por ter sofrido com a escravidão e o trabalho forçado, como também por ter experimentado anos de desordem durante a época dos antigos reinos tribais.

A região era habitada por tribos muito antes da chegada dos primeiros colonizadores no século XV. Essas tribos pagavam tributos ao Reino do Congo, praticavam a agricultura itinerante e a pecuária. Os primeiros portugueses que vieram para Angola aí estabeleceram o comércio de escravos, que foi a atividade comercial mais lucrativa, por um longo período, e Luanda servia como o maior porto negreiro da África Negra. De lá eram embarcados cerca de mais de trinta mil escravos por ano, em sua maioria para o Brasil, trazendo para o país de destino o seu modo de vida, a sua cultura, religiosidade que faz parte hoje da própria cultura brasileira. Esse longo período de escravidão foi desencadeador de relações conflituosas entre portugueses e africanos, que persistiram até a independência de Angola, pois os portugueses aí estabelecidos estavam ativamente envolvidos com o comércio de escravos, espalhando conflito e corrupção pela colônia. Devido à atitude dos colonizadores, a maior parte dos angolanos passou a não acreditar nos portugueses. Registra-se, entretanto que, muito dos portugueses que vieram a se estabelecer em Angola durante o século XX eram camponeses que buscavam novos meios de sobrevivência na agricultura de Angola, fugindo da pobreza de sua terra natal e do Estado Novo fascista do ditador Antonio Oliveira Salazar. Durante o processo de seu estabelecimento em Angola, esses portugueses expulsaram mestiços e africanos urbanizados que até então faziam parte da economia urbana. Em geral, a esses colonizadores faltava capital, educação e compromisso para com a nova terra.

Quando o Estado Novo foi estabelecido esperou-se que Angola sobrevivesse por si só. Portugal nada mais investiu em Angola para o seu desenvolvimento. Considerava a colonização dos portugueses brancos em Angola como um meio de “civilizar” os africanos, considerados inferiores. Os portugueses também discriminavam os assimilados.³ Os poucos portugueses que chamavam a atenção para o mau tratamento de africanos eram amplamente ignorados ou silenciados pelos governos coloniais.

A mobilização local liderada por africanos ou mestiços com objetivos políticos começaram a surgir em Angola a partir da segunda metade do século XX que, juntamente com Guiné Bissau e Moçambique, fundaram o Centro de Estudos Africanos, formando lideranças para a causa emancipacionista africana, aderindo ao pensamento marxista. Nessa ocasião surge o Movimento pela Libertação de Angola – MPLA de Agostinho Neto. Outros grupos políticos locais uniram-se também em busca da independência, dividindo-se por aversões pessoais e ideológicas, apoiados por interesses capitalistas do Ocidente. Além disso, parte da população africana que havia sido fortemente afetada com a perda de terras, trabalho forçado e pela economia em declínio, estava pronta a se rebelar. O resultado foi uma série de ocorrências violentas no país, nas áreas urbana e rural, que marcaram o início de um longo esforço armado voltado para a independência. O arranjo geopolítico que fora construído pelas potências coloniais contribui para a configuração desse cenário, haja vista terem juntado grupos étnicos rivais em países cuja unidade só existia no mapa.

Para manter o controle político sobre a colônia, Portugal utiliza o meio militar. Com a instauração do novo governo e a Revolução dos Cravos, que desafiou a ditadura de Salazar, foi reconhecida a independência colonial em 1975. Portugal, representado pelo general Cardoso, alto-comissário português em Luanda, deixou Angola na véspera da data marcada para sua Independência, 10 de novembro de 1975, sem ter desencadeado o processo da substituição do comando da nação, desencadeando-se a partir daí as lutas pela tomada do poder em Luanda.

Portugal abandona Angola deixando-a entregue aos três maiores movimentos anticoloniais locais, caracterizados pelas mencionadas diferenças ideológicas e rivalidades entre seus líderes: a FNLA (Frente Nacional para a Libertação de Angola),⁴ cujo líder era Holden Roberto; o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), presidida pelo Dr. Agostinho Neto; e a Unita (União Nacional para a Independência Total de Angola), dirigida por Jonas Savimbi.

A Unita foi criada em 1966. O seu líder, Savimbi, era apoiado pela etnia dos umbundos.⁵ A FNLA, fundada em 1954, era constituída em sua maioria pelos bacongós;⁶ e o MPLA, fundado em 1956, tinha origem no grupo dos quimbundos.⁷ A guerra civil iniciada era marcada pelo conflito entre as diferentes etnias. O Norte e o Centro-Sul foram ocupados pela FNLA e a Unita, e o Centro-Norte, Sul e Leste pelo MPLA.

Os três movimentos nacionais existentes concordaram em assinar o acordo de Mombaça em 6 de janeiro de 1975, com o intuito de construir uma frente única para as novas

negociações acerca da administração do país, culminadas no acordo de Alvor, de 15 de janeiro de 1975, firmado entre Portugal e esses movimentos africanos. Esse acordo, entretanto, limitou-se apenas a fixar a data da Independência. A situação agravou-se a partir daí, com o governo de transição, também previsto neste acordo. Cada um desses movimentos passou a correlacionar forças e a se armar. Foram desmobilizados nessa direção, devido à celebração de um novo acordo, o de Nakuru, em 21 de junho de 1975. O MPLA e a FNLA não se interessavam para que ocorresse a eleição prevista pelo Acordo de Alvor, pois a FNLA não tinha penetração política no território e o MPLA receava que as etnias maiores⁸ fossem influenciadas pelo reflexo tribal. Patrocinada por países ocidentais, a FNLA liquidou as bases político-militares do MPLA, que declarou guerra a todos os seus inimigos. A aliança entre a FNLA, a Unita e o governo de transição foi aniquilada pela violenta batalha em Luanda que também isolou a capital, tornando-a carente até mesmo de produtos de primeira necessidade.

Sustentada pelos países capitalistas ocidentais, a FNLA não se incomodava com o desencadeamento da guerra, objetivando apenas a vitória. Dirigida pelos interesses pessoais de Jonas Savimbi, a Unita logo foi composta por mercenários sul-africanos que tinham o pretexto de proteger a barragem de Calueque,⁹ no Cunene. Tinha como principal objetivo impedir o caminho ao comunismo. Já o MPLA era apoiado por países africanos de vanguarda e por países socialistas, como a Iugoslávia, China, Cuba e a União Soviética, interessados na existência de um país socialista no conti-

nente africano. Foi Cuba quem forneceu ajuda militar, enviando 7.000 homens como um corpo expedicionário em 1965.

A República Popular de Angola foi proclamada pelo presidente Agostinho Neto e, ao mesmo tempo, J. Savimbi e Holden Roberto também proclamavam a Independência, um no Huambo¹⁰ e o outro no Ambriz. Todos os meses os primeiros-ministros dos governos da FNLA e Unita dirigiam a instituída União alternadamente. Muitos países africanos, entre eles a Nigéria, logo reconheceram o regime do MPLA, assim como outros países em todo o mundo, o que não aconteceu com os outros governos (Menezes, 2000).

Em 1977, o MPLA declarou-se como um partido de vanguarda marxista-lenista, enfrentou a tarefa de restaurar os setores de produção agrícola que foi quase destruído com a partida dos portugueses. Agostinho Neto permitiu a iniciativa privada nas indústrias, comércio de pequena escala e desenvolveu substanciais relações econômicas com os Estados ocidentais, especialmente no que concerne à indústria petrolífera angolana.

Após a morte de Agostinho Neto, em 1979, José Eduardo dos Santos assumiu o poder, herdando dificuldades econômicas consideráveis, incluindo o enorme custo militar requerido para lutar contra a Unita e as forças sul-africanas. Até o final de 1985, a segurança do regime de Luanda dependia quase que inteiramente dos suprimentos armamentistas soviéticos e do apoio de tropas cubanas. No final dos anos de 1980, as duas principais prioridades de Luanda eram acabar com a insurgência da Unita e progredir no desenvolvimento econômico. No entanto, a guerra, a

insegurança, a destruição física do patrimônio e da infra-estrutura do país interferiram na economia angolana, impossibilitando o desenvolvimento e a reconstrução do país.

Em 1991, com o enfraquecimento da União Soviética e com o direcionamento de Angola para o capitalismo, os gastos com a Unita já não eram mais justificados e esta já não tinha condições de sustentar conflitos sem a cooperação estrangeira, deixando de ser um apoio, para se tornar somente um grupo de guerrilha (ibid., p. 103).

Novas eleições presidenciais foram convocadas em 1992 e os principais concorrentes às eleições eram os chefes da Unita, Jonas Savimbi e do MPLA, José Eduardo dos Santos. Com uma pequena diferença entre os dois partidos, a vitória do MPLA foi atestada por observadores internacionais, porém, Savimbi, líder da Unita, não aceita a derrota e recomeça a guerra que continua a devastar o país.

O MPLA conseguiu controlar a revolta popular que aniquilaria os dirigentes da Unita, logo após o pleito de setembro. Os conflitos continuaram por mais dois anos, até a assinatura do acordo de Lusaka, em 1994. Esse acordo de paz não foi respeitado por nenhuma das partes, já que o governo do MPLA, reconhecido oficialmente, podia manter grupos armados de defesa e exércitos e a Unita, sendo um grupo guerrilheiro, continuava lutando.

O governo exigiu que as armas fossem depositadas e que os combatentes se apresentassem desarmados e se submetessem ao grupo no poder e o acordo fosse cumprido. A Unita não deixou de lutar, ocupando mais de 60% do território angolano, incluindo as Lundas, região mineira, de onde retirou recursos para financiar

suas atividades militares nos últimos anos, pois já não contava mais com ajuda dos EUA ou da África do Sul. Por sua vez, o MPLA não abdicou do poder para que dele a Unita participasse.

As eleições, ocorridas em 1992, previam ao presidente um mandato de cinco anos, porém, devido à guerra, não foram cogitadas novas eleições em 1997. O mesmo grupo teve prorrogado seu mandato no governo do país tendo novamente José Eduardo dos Santos como o presidente no poder desde que sucedeu Agostinho dos Santos.

Em 2002, o chefe da Unita, Jonas Savimbi morreu nas mãos do exército angolano, situação que surtiu profundo efeito no cenário político de Angola, pois a Unita pediu um cessar-fogo devido à morte de seu líder.

O desencadeamento no país dessa dolorosa guerra civil destruiu grande parte da infra-estrutura de Angola e provocou massacres e movimentos maciços na população, tanto de dentro como de fora do território nacional. Um dos grandes desafios para o governo angolano hoje é eliminar milhões de minas espalhadas no país no período da guerra que impedem o movimento e o acesso às terras de cultivo. Essas minas foram compradas e colocadas com o custo médio de cinco dólares cada uma delas, e hoje, custa cerca de dois mil para cada uma delas ser desativada.

Angola é um país com grande potencial econômico, possui terras férteis e riquezas minerais, mas ainda há muito a ser trabalhado para se obter o desenvolvimento do país, pois ainda estão destruídos vários setores de sua produção. Apenas os segmentos de mineração e de exploração de petróleo funcionam com algum nível de adequação.

O cidadão angolano prefere não lembrar da realidade da guerra que ainda reflete no cotidiano do país e no modo de agir da população. Procura falar das riquezas de seu país e da melhora alcançada até então, assim como no desejo e ânsia por um futuro e uma Angola melhores. Menezes (ibid., p. 386) assim fala da sociedade nascente:

Num país onde milhares de famílias foram destruídas pela guerra e onde milhões de vítimas de minas terrestres estão definitivamente marcadas, somente um estado de espírito superior pode permitir a manifestação de alegria, a realização de bonitas festas para esquecer as agruras diárias, e a expressão da musicalidade típica dos angolanos (espírito do qual o Brasil é um dos herdeiros privilegiados).

Historicamente, os conflitos armados na África e em Angola, especificamente, existem em decorrência de problemas enraizados que envolvem períodos como o da Partilha da África,¹¹ da colonização e dos movimentos anticoloniais. Nesse longo processo, sedimentaram-se os conflitos e as diferentes etnias geradores da luta em busca do poder político.

Esse conflituoso período de guerra dizimou milhares de vidas, além de ter causado grandes fluxos de migrações internas e externas devido à precária situação vivida por seus habitantes. Ressalta-se, entretanto, que Angola, a partir do acordo de cessar-fogo celebrado a partir de abril de 2002, depois de 25 anos de guerra, hoje enfrenta a tarefa da reconstrução da infra-estrutura e redução da pobreza. A

guerra civil deixou o país arruinado, com falta de capital físico e financeiro, governo pobre, presença das minas e a necessidade de realocar quatro milhões de pessoas desalojadas pelo conflito. Nesse contexto atual, os refugiados angolanos não encontram muita motivação para voltar. O país é rico. Os diamantes e o petróleo dominam a economia nacional, sendo responsáveis pela quase totalidade das receitas, no entanto, esses setores estão pouco articulados com o resto da economia do país. Apesar de todas essas variáveis controvertidas do cenário de pós-guerra, Angola vem apresentando progressos econômicos. Como exemplo do crescimento e da expansão de Angola, cita-se o recente recrutamento de executivos no Brasil para trabalharem em empresas multinacionais em Angola, constatado em anúncio no Caderno de Emprego do jornal *Folha de S. Paulo* de 2 de fevereiro de 2007. Essa nova conjuntura pode delinear um contexto diferente no fluxo migratório de angolanos para São Paulo.

Muitos dos angolanos chegaram ao Brasil, principalmente durante o “governo de transição” em Angola, a partir de 1975. Essas pessoas buscavam melhores condições de vida:

Deixei Angola e vim para o Brasil exatamente em função da guerra. Nosso país ficou independente em 1975, só que antes disso, houve muita guerra e a guerra continuou acabando fazem poucos anos. Eu tinha filhos pequenos e eu tinha que lutar e dar uma vida a eles, o melhor, e então eu resolvi sair, para cuidar dos meus filhos. Foi por isso que eu saí do meu país.¹²

O fluxo migratório aumentou a partir dos anos de 1990, quando a situação de guerra no país foi ainda mais agravada pelo período de desentendimento causado pelas eleições presidenciais em 1992, período bastante crítico, pois a guerra passou a ter como cenário a capital do país, Luanda. A partir de então, foram muitos os angolanos que saíram de seu país.

Embora a morte do líder da Unita, Jonas Savimbi, tenha ocorrido em 2002, levando ao cessar-fogo, ainda são muitos os angolanos que deixam o país por sofrerem os reflexos dos desdobramentos dessa longa guerra civil, que se traduz na instabilidade e no acirramento dos problemas sociais, econômicos, culturais e políticos. Os angolanos buscam proteção, pois se sentem ainda perseguidos, e narram os fatos que os levaram a abandonar o país. É o que fala um dos entrevistados:

Eu era perseguida em Angola devido o meu marido que é bacongo, é que o governo considera os bacongos como traidores. Meu marido, inocente deixou o país para não sofrer mais. E eu fui espancada, forçada a falar, mas não sabia onde ele estava.

Aqueles que deixaram Angola alegando serem de alguma forma perseguidos, percorreram caminhos cheios de obstáculos, dúvidas e incertezas, mesmo porque, em sua maioria, desconheciam o futuro até alcançarem refúgio, pois a preocupação maior era a proteção e defesa de suas vidas.

Alguns acreditam que, atualmente, haja paz em Angola, embora o país ainda esteja deficiente em diversos aspectos de infraestrutura, sociais e políticos, pois passa por um

processo de reconstrução, ainda sem eleições regulares. Acreditam que o país alcançará a paz. Muitos desses angolanos deixaram o país de forma planejada – através de convênios que incentivam o intercâmbio entre estudantes brasileiros e angolanos – buscando aprimorar os seus conhecimentos para que de alguma forma venham a contribuir com o desenvolvimento de Angola.

Os estudantes, apesar de se mostrarem cientes dos problemas pelos quais passa Angola nas questões de educação, saúde e desigualdade, são firmes quando questionados sobre a existência de paz e sobre a condição atual do país. Um dos estudantes diz:

Agora o país está calmo, a guerra de armas terminou, essa é uma condição importante para o desenvolvimento, pois não há nenhum país que se desenvolva com guerra... o governo está a trabalhar para melhorar as condições de vida das populações.

Acrescenta-se que foram muitos e variados os caminhos percorridos pelos angolanos para abandonarem o seu país. Cada um tem suas razões para o ter deixado. Muitos alegam que sonham com o retorno, outros desejam construir os seus sonhos longe da realidade angolana.

Acho que foi pela mesma razão que a maioria dos angolanos deixou Angola. O sistema político, as injustiças... questão do exército e tudo mais... existia uma certa discordância entre a minha forma de pensar e a forma de pensar do sistema, se permanecesse muito tempo

naquele país talvez eu já não existisse. Se o governo não me matasse talvez eu já tivesse me matado.

[...] o motivo que saí de Angola, foi por causa da guerra. Tipo, a guerra começou... não... é... terminou em 1975... é... terminou ou começou? É... Começou em 1975, nesta data eu não tinha nascido, portanto, eu não seria mais um a entrar pras as forças armadas e continuar com essa guerra. Eu preferi pedir pros meus pais que eu queria sair de lá. Então eles fizeram com que eu viesse pra cá.

Saí em 1999, porque o país vivia uma guerra, porque havia conflito e eu queria dar melhores condições para os meus filhos e é isso aí. Em busca de tranquilidade optei pelo Brasil.

social, evidenciada na polarização em que vivem as suas diversas camadas sociais. Os angolanos trazem consigo sua cultura, seus costumes e sua forma de viver, delimitando o seu espaço no centro da cidade; vivem etnicamente o seu pedaço na cidade, dando visibilidade às diferenças emergentes da metrópole. Aí se reproduz a segregação. Os angolanos que chegam à cidade menos preparados para se inserirem no mercado de trabalho de uma cidade global, competitiva e capitalista, sofrem a discriminação e vivenciam a desigualdade.

Angola e Brasil têm suas histórias intimamente ligadas desde o período colonial, permeadas contraditoriamente pela integração e exploração. O Brasil carrega essa identidade que vem sendo construída ao longo dos cinco séculos da sua história onde está introjetado o modo de vida do continente africano no âmago e no cotidiano do seu povo que é também de origem angolana.

Unir essas duas histórias é inserir o povo brasileiro no contexto da sua origem étnica negra; é resgatar um passado de escravidão de que o país diz se envergonhar. O compromisso de respeito aos imigrantes e de busca da sua inserção na sociedade brasileira é uma questão extremamente relevante de resgate de uma dívida social que necessita de enfrentamento. Diagnosticar as formas como vivem os angolanos na cidade de São Paulo pode ser o início desse ambicioso, utópico, mas possível projeto.

Algumas considerações

Percebe-se que o contexto do fluxo de imigração de angolanos para São Paulo teve como motivação a saída de um contexto conflituoso e uma inserção permeada pela barreira do preconceito e dificuldade de emprego, passando a viver na grande metrópole São Paulo, na maioria das vezes, à margem da sociedade.

São Paulo é uma cidade contraditória. Ao mesmo tempo que oportuniza o desenvolvimento, reproduz a desigualdade. É uma cidade global que abriga grande discrepância

Dulce Maria Tourinho Baptista

Doutora em Ciências Sociais e docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo, Brasil).
dulcebaptista@uol.com.br

Notas

- (1) As entrevistas aqui apresentadas com angolanos em São Paulo foram realizadas por Dulce Maria Tourinho Baptista e Núbia Criatina Souza, no decorrer dos anos 2005 e 2006.
- (2) Trecho de entrevista com um dos estudantes do quarto ano do curso de Enfermagem, da Universidade Agostinho Neto, em Luanda, Angola.
- (3) Africanos e mestiços eram considerados pelas autoridades coloniais como pessoas que tinham alcançado a cultura, haviam assimilado a língua portuguesa com sucesso. Os legalmente reconhecidos com o *status* de “assimilado” assumiram, em princípio, os privilégios e as obrigações dos cidadãos portugueses e escapavam da opressão, a exemplo do trabalho forçado, imposto à maioria dos africanos. O *status* de assimilado e suas implicações legais foi formalmente abolido em 1961.
- (4) Em um primeiro momento, foi denominada União das Populações do Norte de Angola e, posteriormente, torna-se a UPA (União das Populações de Angola). Após 1962 torna-se FNLA.
- (5) Os umbundos localizavam-se no Sul e no Centro e constituíam, aproximadamente, dois terços da população angolana.
- (6) Os bacongos ocupam os territórios de Cambinda e as províncias do Norte do país.
- (7) Os quimbundos ocupam considerável parte do território angolano, acima do Rio Cuanza, do oceano até a metade do nordeste do país.
- (8) As mais numerosas etnias eram os umbundos e os bacongos, que em sua maioria faziam parte da Unita e da FNLA, respectivamente.
- (9) Obra esta destinada à irrigação e fornecimento de energia elétrica à Ovambolândia.
- (10) Huambo é a antiga Nova Lisboa.
- (11) Conforme já apresentado, a partilha da África surgiu a partir da expansão capitalista e imperialista que se justificava atribuindo ao homem branco a “missão” de civilizar a África, dividindo os seus territórios em colônias. Os pontos centrais da partilha foram discutidos e definidos na Conferência de Berlim (1884-1885), convocada pelo chanceler alemão Bismark. (Magnoli, 2004, p. 321)
- (12) Empresário angolano bem-sucedido, que atualmente vive em São Paulo, entrevistado em 6/9/2005.

Referências

- BAPTISTA, D. M. T. (1978). *“Nas terras do Deus-Dará”*: nordestinos e suas redes sociais em São Paulo. Tese de doutorado, São Paulo, PUC.
- BÓGUS, L. e PASTERNAK, S. (2004). *Cadernos metrópole*. Como Anda São Paulo. São Paulo, Educ.
- DORNELAS, S. (2000). Como Caim, sem destino. *Travessia. Revista do migrante*. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XIII, n. 37, maio- agosto.

- IANNI, O. (1999). *A era do globalismo*. 4 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- IBGE (1991). *Censo Demográfico, 1991 e 2000*.
- KALY, A. P. (2001). "Os estudantes africanos no Brasil e o preconceito racial". In: CASTRO, M. G. (org.). *Migrações Internacionais: contribuições para a política*. Brasília, CNPD.
- KI-ZERBO, J. (1972). *História da África Negra - II*. Hatier, Paris/Publicações Europa.
- MAGNOLI, D. (2004). *Relações Internacionais: teoria e história*. São Paulo, Saraiva.
- MENEZES, S. (2000). *Mamma Angola: sociedade e economia de um país nascente*. São Paulo, USP/ Fapesp.
- PETRUS, R. (2000). *Jovens imigrantes angolanos no Rio de Janeiro. Travessia*. São Paulo, CEM.
- RIBEIRO, J. T. L. (1995). "Migração Internacional Brasil África: Angola em destaque". In: *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. 2 ed. São Paulo, FNUAP.
- SANTOS, D. dos. (2001). Economia, democracia e justiça em Angola: o efêmero e o permanente. *Estud. afro-asiát.*, jan/jun, v. 23, n.1, pp.99-133.
- SAYAD, A. (1998). "O que é um imigrante?". In: SAYAD, A. *Imigração, ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachcco. São Paulo, Edusp.
- _____ (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia - Revista do Migrante*. Publicação CEM (Centro de Estudos Migratórios), número especial, janeiro, pp. 7-32.
- SILVA, S. (2000). O refúgio no mundo e os refugiados no Brasil. *Travessia. Revista do migrante*. São Paulo, Centro de Estudos Migratórios, ano XIII, n. 37, maio-agosto.
- SOUZA, N. C. (2005). *Segregação dos angolanos no Brasil - um olhar a partir dos anos 90*. São Paulo, Monografia de Iniciação Científica – FMU.
- VERAS, M. (2003). *Diversidade - territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo, Educ.

Recebido em Fev/2007

Aprovado em abr/2007